



Manuel Pereira Lima

Alógica dos endereços facilitava o trabalho do carteiro

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A seca de 1959, uma das piores enfrentadas pelo Ceará até hoje, e as várias oportunidades de empregos que poderia oferecer a construção de uma nova capital federal foram os principais fatores que motivaram Manuel Pereira Lima a se aventurar pelas bandas do Planalto Central em setembro daquele ano. Ao partir da cidade de Ipueiras, interior do estado, Manuel deixou para trás a esposa, Francisca, e sete de seus dez filhos. A família veio para Brasília apenas em 1961, quando a vida de Manuel e a cidade já estavam pelo menos um pouco mais estruturadas.

Mesmo antes de conhecer Brasília, Manuel sonhava com o dia em que conseguiria se mudar para a capital federal. "Admirava a cidade antes mesmo de vir aqui por causa da idéia de obstinação e esperança que me passava a imagem do presidente Juscelino Kubitschek falando sobre a construção da capital." Foi dessa forma, movido pela esperança de conseguir um emprego bom e estável na nova capital federal, que Manuel viajou durante 18 dias na boléia de um caminhão pau-de-arara até Brasília.

Logo na primeira visão, a imagem de obras e mais obras. O primeiro prédio pronto a ser

Arquivo pessoal



MANUEL, A ESPOSA, FRANCISCA, E O FILHO MAIS VELHO NA RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO

de trabalho. "Havia muitas oportunidades em Brasília. O principal para mim era conseguir um emprego com estabilidade de funcionário público. Como imaginei antes de chegar aqui, notei logo que estava no lugar certo", afirma Manuel.

Trabalho

O primeiro emprego desse pioneiro na capital foi também o último, pois foram muitos anos de dedicação à Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), onde Manuel trabalhou até se aposentar. "Trabalhei mais de uma semana sozinho na agência que atendia a Asa Sul. Tinha que fazer tudo: desde a triagem das cartas até as entregas e possíveis devoluções", lembra Manuel, que depois foi oficializado como carteiro responsável pelo Plano Piloto. "Naquela época, os carteiros não tinham bicicleta para andar pela cidade. Carregávamos a sacola com as cartas nas costas mesmo e andávamos a pé", lembra o pioneiro, enfatizando que chegava a trabalhar 12 horas diárias para dar conta de tanto trabalho.

Se até hoje as siglas dos endereços de Brasília confundem quem vem de fora, naquela época a confusão se estendia até mesmo a quem era morador da cidade. Mas nada que impedisse o trabalho de Manuel. "Eu achava muito mais fácil entender os endereços de Brasília do que os

das outras cidades, porque a capital foi criada de uma maneira inteligente. Havia lógica nos endereços. O problema era quando as pessoas mandavam as correspondências com os endereços incompletos", conta. A solução para esse problema estava na cordialidade das pessoas em Brasília. Quando Manuel não conhecia o destinatário, sempre tinha alguém que conhecia.

Tanto empenho rendeu ao pioneiro uma carta escrita de próprio punho pelo presidente Juscelino Kubitschek agradecendo pelos trabalhos prestados. A relíquia hoje está emoldurada e é exibida com muito orgulho a todos os que chegam na casa de Manuel.

Segundo ele, eram essas atitudes de Juscelino, em reconhecimento ao esforço e à dedicação dos trabalhadores, que davam mais ânimo aos pioneiros. Principalmente quando o presidente incluía os trabalhadores nas comemorações referentes a Brasília. Na inauguração da cidade, não poderia ser diferente. "Foi uma festa linda que também era dos trabalhadores. A gente ficava admirado de ver que as palavras e os olhares do presidente e de Dona Sarah eram muitas vezes voltados ao povo que lotou a Praça dos Três Poderes para assistir à cerimônia", afirma o pioneiro.

Outra curiosidade que chamou a atenção de Manuel foi o fato de autoridades nacionais e

visto foi o da Igrejinha da 307/308 Sul, um dos pontos turísticos mais visitados da cidade até hoje. "Quando vi a igreja pensei logo na realização do sonho de Dom Bosco e me emocionei", lembra Manuel, que nunca tinha vindo ao Centro-Oeste do país e estava achando tudo aquilo "uma

grande novidade". Outra lembrança que não sai da cabeça de Manuel é a da quantidade de caminhões — "sempre lotados" — que chegavam trazendo gente para trabalhar na construção da cidade.

Quando chegou à cidade, Manuel pôde perceber que não estava errado quanto à demanda

O entusiasmo de JK, quando falava sobre a nova capital, fez com que o pioneiro desejasse mudar para Brasília. Primeiro veio ele, depois a família, para nunca mais sair

SÓ DEPOIS DE
ALGUM TEMPO NA
CIDADE, MANUEL
CONSEGUIU TRAZER
A FAMÍLIA PARA
MORAR NA NOVA
CAPITAL



Raio X

Nome: Manuel Pereira Lima
Idade: 81 anos
Origem: Ipueiras, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Estado Civil: Casado
Esposa: Francisca Lima
Filhos: João Batista (falecido), José Romildo, José Valner, Lígia Maria, Maria da Conceição, Antônio Hélder, João José, Maria Edith, Francisco de Assis e José Newton.
Netos: Juliana, Leonardo, Rodrigo, Isabel, Luciana, Lílian, João Junior, Ada, Laís, Marina, Eduardo, Francisco, João Felipe, Daniel, Luzia, Miguel, Lucas, Leandro, Rafael, Gustavo e Heitor.

“**TRABALHEI MAIS DE UMA SEMANA SOZINHO NA AGÊNCIA QUE ATENDIA A ASA SUL. TINHA QUE FAZER TUDO: DESDE A TRIAGEM DAS CARTAS ATÉ AS ENTREGAS E POSSÍVEIS DEVOLUÇÕES**”

internacionais terem vindo para a inauguração. “Fico imaginando todos aqueles presidentes e diplomatas desembarcando no aeroporto de Brasília, que era apenas um enorme galpão de madeira, sem muita infra-estrutura e nenhum luxo”, diverte-se.

Com a cidade inaugurada e a Asa Norte começando a crescer, o trabalho de Manuel também foi aumentando cada vez mais. Junto com o trabalho, vinha a falta que a mulher e os filhos faziam nas horas de lazer. Assim, em abril de 1961, a esposa, Francisca, veio de mudança para Brasília. “Vim sabendo pouca coisa da cidade. As pessoas me contavam apenas que fazia muito frio aqui”, lembra Francisca.

A transferência da família de Manuel para cá vinha sendo retardada por causa de uma pendência domiciliar: o pioneiro morava no alojamento para solteiros da ECT e não poderia receber a família lá. A empresa prometia o apartamento para ele, mas os pioneiros que já esta-

vam com a família aqui tinham preferência na ordem de distribuição dos apartamentos funcionais. Por isso, Manuel decidiu que Francisca viria com os sete filhos mesmo antes de conseguir o tal apartamento. “Quando eles chegaram ao aeroporto, o motorista da kombi ficou admirado com o tanto de crianças”, lembra Manuel, aos risos.

Provisoriamente, a família foi morar em um barraco de madeira em Taguatinga. “Era apenas um quarto e sala para aquele tanto de gente. Achei que as crianças iam reclamar do tamanho e da estrutura, pois tínhamos uma casa boa no Ceará. Mas isso não aconteceu. A saudade do pai era tanta que eles nem se importaram com isso. Para eles era tudo uma festa”, afirma Francisca, que teve mais três filhos, nascidos aqui em Brasília.

A terra era tanta que não adiantava Francisca pendurar as roupas no varal para que elas secassem, porque elas realmen-

te secavam, mas estavam todas sujas outra vez. A única coisa com a qual a família não se acostumava de jeito nenhum era com as fortes chuvas que caíam na capital, com direito a raios e trovoadas. “Em uma dessas chuvas, Manuel estava trabalhando e as crianças ficaram tão assustadas que acabamos todos encolhidos embaixo da mesa de jantar”, diverte-se Francisca, que, não esconde, também temia as tempestades. Depois de um ano, o apartamento funcional de Manuel finalmente saiu e eles voltaram para o Plano Piloto para morar em um JK, ainda pequeno para a família. O conforto só aumentou de verdade quando Manuel mudou-se, em 1967, para a 312 Norte, quadra onde mora até hoje. “A Asa Norte estava apenas começando. Era muito mato. Até para comprar frutas e verduras, tínhamos que ir para a Asa Sul”, lembra Manuel, classificando a Brasília de hoje como “a melhor qualidade de vida do Brasil”.